



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Bagunça da macacada

“E os macaquinhos?” De vez em quando, um leitor me pergunta, pois eles foram personagens de muitas crônicas. Sempre me dou mal com os macacos e percebi que o leitor se diverte quando o cronista se ferra. Não tenho histórias novas, mas, atendendo ao pedido, revisitarei as antigas. Moro em um condomínio horizontal fronteiriço a uma mata cerrada. Durante muito tempo, os macacos frequentaram as mangueiras, as goiabeiras, as pitangueiras e as amoreiras, que faziam um caminho suspenso até o telhado de minha casa.

A chegada deles é sempre um acontecimento mágico. Primeiro, a gente ouve um alvoroço no mato, mas é um alvoroço aéreo de folhagem remexida. Logo, o chefe do grupo desponta e a turma vem atrás. Eles fazem acrobacias a mais 10 ou 15 metros de altura de deixar os malabaristas do Cirque du Soleil no chinelo. São simpáticos, brincalhões e bagunceiros.

Em certa madrugada, acordei assustado com o barulho do que me parecia um pagode ou uma pelada em cima do telhado. A zoadá indicava que um time atacava e outro se defendia, conforme os lances da partida, se movimentando, abruptamente, de um lado para o outro. Sentei-me na cama, por alguns segundos, para me certificar se não estava sonhando.

Levantei-me assustado no rumo da sala e, no escuro, quando olhei para a faixa de vidro no alto da parede, percebi a silhueta de um macaco. Abri a porta de vidro e, para assustar a macacada, peguei uma pedra e atirei na mangueira. Estava com os músculos desaquecidos e tive uma tremenda torção. Precisei fazer fisioterapia durante quase um mês.

E o pior é que o médico ficou mais preocupado com os macacos do que comigo. Sempre alfinetava: “Olha, trate bem dos macaquinhos.” O maior estrago que eles faziam era invisível durante a seca, mas dramático no período da chuva. Eu percebia a bagunça deles no telhado, mas não tinha ideia da extensão.

No entanto, de repente, caiu uma tempestade, parece que chovia mais dentro de casa do que fora. O telhado

estava pontilhado de goteiras, era preciso colocar bacias por todos os cantos para apapar a água que pingava incessantemente. Ficou caro pagar o senhor Hermínio para subir na casa e trocar mais de 20 telhas quebradas.

Numa tarde, avistei um macaquinho andando em cima da cerca de arame farpado. Fiquei imóvel, prendi a respiração e evitei piscar, com medo de assustar o bicho e provocar um acidente. Mas ele terminou a travessia tranquilo e imperturbável, com incrível habilidade, sem sequer dar uma olhada para baixo, na direção de onde pisava.

Durante uma das minhas férias, resolvi botar moral na macacada. Passava boa parte do tempo em uma rede lendo e vigiando a chegada da trupe bagunceira. De repente, avistei uma cena que me

pareceu fantástica: um macaco de duas cabeças. Mas eu me enganei. A mãe carregava um macaquinho nas costas e isso me deu a impressão de que se tratava de um macaco bifronte.

Quando foi flagrada, ela me mirou por alguns segundos. É como se me perguntasse: “e aí, não vai deixar que eu dê comida a meu filho?” Não, eu não resisto a uma mãe que deseja alimentar o filho. Acabou a minha moral com a macacada.

Agora, os macaquinhos deram um tempo porque a vizinha resolveu construir uma casa no lote ao lado, e decidimos cortar algumas árvores frutíferas (que faziam a rota aérea até o telhado) e erguer um muro. Mas não reclamo, eu que invadi o território deles. E a verdade é que me salvaram várias vezes com histórias para a crônica. Está valendo, macacada!

MEIO AMBIENTE

A economia circular — conceito que defende o consumo de recicláveis ou usados — ganha terreno no DF, de acordo com especialistas. O **Correio** ouviu lojistas e clientes que aderiram à prática empenhados em preservar a natureza

Uma virtuosa roda econômica

» ARTHUR DE SOUZA

Você sabe o que é economia circular? É uma proposta que considera a eliminação do conceito de desperdício baseada em que produtos podem ser totalmente reciclados ou reaproveitados. A explicação é do coordenador de graduação em Economia, Gestão Pública e financeira do Centro Universitário Iesb, Riezo Almeida. Como ele, outros especialistas defendem a iniciativa, já adotada por alguns empresários no DF.

Dados do Serviço de Limpeza Urbana apontam que, das 2.200 toneladas de resíduos recebidos, diariamente, no aterro sanitário de Brasília, 500 (22,72%) são de materiais recicláveis — como plástico, papel, alumínio e papelão. Entretanto, por chegarem misturados a rejeitos orgânicos, esse materiais não podem ser reaproveitados.

Almeida explica que o modelo econômico circular trabalha com a ideia de reutilizar, reciclar e regenerar recursos. “Por exemplo, se o consumidor vai comprar um eletrodoméstico, que tal consumir um produto usado, seguindo (assim) um modelo de produção e consumo que busca estender a vida útil da mercadoria?”, propõe. “Diferentemente da economia linear tradicional, que segue o padrão ‘extrair, produzir, descartar’, a circular adota um ciclo fechado onde os resíduos são reintegrados ao processo produtivo”, acrescenta.

Para ele, aderir à economia circular traz diversas vantagens ao consumidor. “Impacta tanto o cotidiano quanto as finanças pessoais. A economia circular pode promover a inovação nos produtos e serviços”, avalia. “Os consumidores se beneficiam ao ter acesso a soluções mais criativas, sustentáveis e, muitas vezes, personalizáveis. No DF, os principais segmentos que estão ganhando espaço são móveis e decoração, moda sustentável, eletrodomésticos e construção sustentável”, observa o especialista.

Sustentabilidade

Doutora em ecologia e coordenadora do curso de ciências biológicas da Universidade Católica

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



João vende móveis usados desde 2004: “É um ramo bom e acredito que a tendência é crescer ainda mais. Tudo se recicla ou se reaproveita”

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Raizza apoia a “pegada ambiental” da proposta. Abriu um brechó inspirada por sua própria carreira

de Brasília, Morgana Bruno comenta que o conceito da economia circular é essencial para o meio ambiente. “Ele gera uma menor demanda de produtos, o que vai reduzir a utilização de matérias-primas da natureza”, diz.

“É importante ressaltar que as ações individuais conservam muito pouco o meio ambiente. O que faz a gente ter algo que o impacto de forma positiva, é financiar a ciência para que sejam criados produtos que demandem

menos a natureza e que durem mais”, alerta Morgana. Segundo ela, atualmente, não temos tanto incentivo para consumo ou produção de bens duradouros. “É necessária uma pressão, principalmente governamental, por meio

de políticas públicas, para que indústrias criem produtos utilizando materiais duráveis e que possam ser reciclados”, avalia.

Foi acreditando em que poderia beneficiar o meio ambiente que a enfermeira Claudene Silva, 50 anos, decidiu passar a comprar roupas em brechós. “Aderi, recentemente, e acho que vale muito a pena. Além de ser econômico, a qualidade das peças e, principalmente, a questão ambiental que a moda circular tem, me cativaram muito”, conta. “Para o comércio, de forma geral, é sempre bom adquirir aquilo que é novo. Mas, não podemos olhar apenas por esse lado, temos que pensar no futuro do planeta que vai ficar para as nossas crianças”, considera.

A engenheira ambiental Raizza Maria Matos, 29, se inspirou em sua formação para se tornar proprietária de um brechó. “Comecei um pouco antes da pandemia, trabalhei no brechó de uma amiga. Com o passar do tempo, fui percebendo que era disso que gostava, além de entender a

questão ambiental no mundo da moda, que é uma das (áreas) que mais geram resíduos. Estamos tentando caminhar para que a loja zere o desperdício”, comenta.

Raizza destaca que, além de brechó, o espaço funciona como uma loja colaborativa. “Aqui, as pessoas podem alugar um espaço para expor seus produtos. Só que sempre prezamos que os empreendedores estejam alinhados à questão ambiental”, explica. “Um exemplo é uma expositora que vende biquínis com a pegada zero resíduo. Ela cria modelos que são feitos a partir de retalhos de outras peças”, detalha a empresária.

Compra consciente

Outro que acredita na economia circular é o comerciante João Cleomes Ferreira, 50, proprietário de uma loja de móveis usados. No ramo desde 2004, ele conta que começou após perceber que “dá para reaproveitar as coisas, (algo) sempre vai servir para alguém”. “É um ramo bom, e acredito que a tendência é crescer ainda mais. Tudo se recicla ou se reaproveita na natureza”, opina.

Ferreira destaca que poder contribuir para diminuir a poluição e o desperdício também o incentivaram a criar um negócio ligado à economia circular. “A gente costuma ir à casa do cliente que está querendo se livrar de um móvel. Além de conseguir o objeto para revender, descartamos aqueles que não servem, no local adequado, contribuindo com a natureza”, garante. “Muitas vezes, ficando com os clientes, eles são jogados em qualquer lugar, prejudicando o meio ambiente”, pondera.

O economista Riezo Almeida dá dicas para quem deseja aderir ao modelo de “compra consciente”, especialmente móveis e eletrodomésticos: “Prefira aqueles feitos com materiais reciclados e opte por produtos de qualidade e durabilidade. Isso reduz a necessidade de substituições frequentes, causando menos impacto ambiental”. “Ao apoiar esses tipos de produtos, os consumidores incentivam a demanda por matérias-primas recicladas, impulsionando ainda mais a economia circular”, afirma.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos em 12 de agosto

» Campo da Esperança

Alexandre Veloso Arrelaro, 56 anos
Antônio Narciso de Souza, 71 anos
Bráulio Juvino dos Santos, 90 anos
Cleide Martins Chaves, 56 anos
Francisco de Assis Gomes Lima, 71 anos
Francisco Duarte Schrago Mendes, 66 anos
Ígor Manciny Alves, 15 anos

Ivo Pereira, 86 anos
Izaías Ferreira da Cunha, 82 anos
João Bosco da Silva, 68 anos
Jovelina Alves da Silva, 79 anos
Márcio Jorge de Castro Reis, 71 anos
Marina de Souza Aguiar, 89 anos
Marliete Rodrigues Tanaka, 75 anos
Neves da Costa Vale Rubstem, 91 anos

Rodrigo Moreira de Figueiredo, 63 anos
Sônia Luciana Ferreira, 82 anos

» Cemitério de Taguatinga

Aldi Amaro da Silva, 72 anos
Augusta Aleixo da Silva, 69 anos
Benedito José Fontenele, 79 anos
Elaine dos Santos Silva, 37 anos
Francisca Maria Alves, 67 anos
Maria Júlia da Anunciação Rodrigues, 78 anos
Noel Saúde Dias, 66 anos

Rosa Maria da Silva, 77 anos

» Cemitério do Gama

Antônio Lourenço de Matos, 93 anos
Ayla Marques Ferraz Oliveira, 1 ano
Ediuzo Vitor Alemar, 44 anos
Mauro Lino Barreira de Souza, 57 anos
Gabriela Benazio do Nascimento, menos de um ano

» Planaltina

João Eudes Araújo Guedes, 63 anos
Lesilete Oliveira Maciel, 50 anos

» Brazlândia

Diolinda Bragança de Lima, 79 anos
Ivone Fernandes Campos, 60 anos

» Sobradinho

Emília Rosa Moreno, 94 anos

Gley Cardoso da Silva, 53 anos

» Jardim Metropolitano

Jorge Elias Gomes Santos, 57 anos
Cremações
Edna Maria Alves Xavier, 67 anos
Antônio Ferreira Soares, 92 anos
Enoque Marques dos Santos, 81 anos
Algemira de Moura Carvalho, 85 anos